

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NA CITÂNIA DE BRITEIROS. UMA PEDRA ENIGMÁTICA? O NOSSO PARECER.

AMORIM, João Vaz de

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

AMORIM, João Vaz de, Na Citânia de Briteiros. Uma pedra enigmática? O nosso parecer. *Revista de Guimarães*, 62 (1-2) Jan.-Jun. 1952, 143-151.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Na Citânia de Briteiros

Uma pedra enigmática? O nosso parecer.

PELO P.^o JOÃO VAZ D'AMORIM

Lendo a «Revista de Guimarães», na sua edição de Julho-Dezembro de 1950, prendeu-nos sobremaneira a atenção o relato feito, a pág. 518, sobre os achados da campanha desse ano, sob a epígrafe—*Escavações na Citânia de Briteiros*. E mais adiante, na pág. 521, o arqueólogo Sr. Coronel Mário Cardozo, enumera e descreve os monumentos descobertos, fazendo referências especiais a uma *pedra enigmática*, que um grande calhau fracturou por ocasião do desaterro. É uma pedra de forma ovoidal, com um metro de comprimento, setenta centímetros na sua maior largura e treze de espessura. Apresenta certa particularidade, qual é a de ter à volta da superfície trabalhada, e paralelamente à periferia, um sulco ou canal, que vai desaguar a um dos lados por uma bica ou abertura de saída.

Pela descrição feita e à vista da fotografia que a representa, podemos dizer que pedra semelhante a esta existe no Castro de Nossa Senhora da Ribeira, de Bouçoais, concelho de Valpaços, castro este que, com as suas destroçadas muralhas e restos de habitações castrejas, estanceia perto da igreja-matriz daquela paróquia, para leste, e à distância duns trezentos metros aproximadamente da estrada nacional que liga Chaves a Bragança, passando pela vila de Vinhais.

Esse monumento da Senhora da Ribeira é um bloco de granito bastante grande e fixo no solo, com a face superior trabalhada e alisada, e, como a da pedra da Citânia de Briteiros, também apresenta idêntico

canal à volta, com a sua bica de desaguoamento, ficando esta orientada para poente e dando-nos a impressão, por estar formada em dois planos sobrepostos, de dois degraus de uma reduzida escada.

Nas minhas crónicas *Por Montes e Vales—Terras-de-Monforte*, publicadas durante anos no jornal flaviense «O Comércio de Chaves», fiz a descrição e ligeiro estudo desta pedra-monumento do Castro



Fig. 1 — Igreja de Nossa Senhora da Ribeira, de Bouçoais.

de Bouçoais, trabalho que chamou a esclarecida atenção do saudoso mestre Abade de Baçal, que nos escreveu, formulando-nos o pedido de lhe descrevermos, com mais pormenores, o interessante achado arqueológico. Satisfeito por nós o seu pedido, o ilustre sábio publicou parte da descrição no tomo X das suas *Memórias Arqueológico-Históricas de Bragança*, a pág. 826 e 827; mas não fez comentários, nem emitiu a sua autorizada opinião sobre a consagração ou finalidade daquele monumento, e o gráfico com que o representa também não corresponde ao seu original, principalmente no que se refere à bica ou abertura de saída do canal circundante. O meu parecer, porém, enquanto à pedra de Bouçoais, manifestei-o desde logo ao douto arqueólogo,

assim como já o havia publicado no hebdomadário flaviense, no seu número de 9 de Fevereiro do ano de 1939, sendo opinião minha de que se tratava de um altar ou ara de cruentos sacrificios. É sem dúvida o que se depreende, após atento e seguro exame feito à superfície obrada do penedo de granito. Bem se reconhece que foi propositadamente abaúlada apesar da acção erosiva do tempo e das chuvas, e de tal maneira, que qualquer líquido nela entornado tende naturalmente a derivar para o sulco que limita o circuito. Todavia isto nota-se na parte mais afastada e oposta à abertura, porque na parte mais próxima da bica, assim como na pedra de Briteiros, observa-se que intencionalmente foi feito um rebaixe. O sulco ou canal do monumento da Senhora da Ribeira de Bouçoais é mais estreito e mais profundo, e as suas dimensões são superiores às da pedra de Briteiros, pois medem 2,^m35 de largura e 2,^m20 no seu máximo comprimento. A pedra da Citânia é móvel, ao passo que a ara de Bouçoais é um penedo fixo, que aflora acima do nível do solo, tendo parte considerável do seu volume rochoso debaixo da terra, como eu pude verificar, auxiliado nesse serviço por um ferro de monte e por um operário de Bouçoais, José Ferreira Lobão.

A face superior do penedo acha-se, como já referimos, obrada em vertente ou declive suave, voltando-se esta inclinação para poente, ou seja para o lado da bica, a qual dista do terreno cerca dum palmo; e, na parte diametralmente oposta, isto é, do lado do nascente, o nível da rocha eleva-se acima do solo uns quatro palmos aproximadamente.

A pouca distância deste monumento, uns três passos na direcção de nordeste, depara-se com um fragão informe em cuja superfície superior se veem cavidades ou poças, de vários diâmetros e profundidades, notando-se uma ao centro, de uns vinte e cinco centímetros de diâmetro, por dezoito de profundidade. Estas cavidades são de formas circulares e existem outras semelhantes, abertas em penedos sitos dentro do povoado castrejo, e mesmo por fora da primeira cintura de muralhas. Mas, referindo-nos em especial àquela cavidade maior, aberta ou praticada no

rochedo mais vizinho do monumento sacrificial, parece-nos tratar-se de um daqueles *laciculus* ou *lacus* dos recintos ou campos sagrados. Nessas pequenas pias ou poças é que se lançava o sangue das vítimas, conforme se depreende duma inscrição, que se acha no recinto sagrado de Panóias (Vila Real), santuário



Fig. 2 — Ara sacrificial, no Castro da Senhora da Ribeira (Bouçoals).

este consagrado ao deus Serapis e a outras divindades pagãs, segundo nos informa o Dr. José Leite de Vasconcelos, na sua erudita obra *Religiões da Lusitânia* (Vol. III, págs. 468-470).

E uma vez que nos referimos a este sábio investigador, não deixaremos de considerar que o autor do artigo da *Revista de Guimarães* a ele se reporta, dizendo-nos que o Dr. Leite de Vasconcelos, quando admitia a hipótese de Martins Sarmiento sobre a «Pedra Formosa», supondo esta uma ara ou altar de sa-

crifícios, citara como elementos comparativos umas pequenas «tabulas de ofrendas» (*tables d'offrandes*) dos museus do Cairo e de Alexandria, e ainda uma outra tábula de Trás-os-Montes, «assemelhando-se muito esta última à pedra agora descoberta na Citânia de Briteiros». É isto o que nos diz o ilustrado Director do Museu Vimaranesense e, na verdade, a semelhança é flagrante com a tábula trasmontana. Esta preciosidade arqueológica encontra-se presentemente no Museu Etnológico de Lisboa e foi-lhe oferecida pelo falecido Dr. Henrique Ferreira Botelho, abalizado clínico e professor do liceu de Vila Real. Mas teremos de dizer, para mais abonarmos a nossa opinião, que, já depois de iniciarmos este nosso desprezencioso artigo, mais dois monumentos, iguais ao primeiro por nós aqui descrito, foram ultimamente descobertos, casualmente, no Castro de Nossa Senhora da Ribeira, da freguesia de Bouçoais. É um nosso bom e ilustrado amigo que nos dá, por escrito, esta agradável notícia, amigo este que conosco visitou o Museu de Martins Sarmiento, em princípios de Abril do ano findo. É pessoa de categoria social, culta e inteligente. Também teve ensejo de observar e apreciar a pedra *enigmática* de Briteiros, a qual, quando da nossa visita a Guimarães, se encontrava já na crasta do antigo convento de S. Domingos e bem próxima do Colosso de Pedralva. Pois na sua carta não duvida afirmar que os dois monumentos, agora aparecidos na Senhora da Ribeira, são a cópia fiel daquele por nós observado no Museu Martins Sarmiento, havendo apenas a diferença dos de Bouçoais serem trabalhados em blocos de granito soterrados, ao passo que a pedra da Citânia de Briteiros é móvel e até facilmente transportável. Contudo, esta diferença, sendo meramente accidental, em nada afecta ou prejudica a finalidade essencial e comum, à qual esses monumentos foram destinados.

*

Pelo que acabamos de expor, não duvidaremos afirmar, mais uma vez, que estas pedras insculturadas a que nos havemos referido, nada mais são do

que ámulas de sacrificios, uma delas talvez de sacrificios cruentos ou holocaustos, e as restantes deverão ser tábulas de oferendas ou oblações, como aquelas de que nos fala o Dr. José Leite de Vasconcelos, no Vol. III da sua importante obra *Religiões da Lusitânia*. Também é esta a opinião autorizada de outros abalizados arqueólogos.

Mas, referindo-nos de modo especial aos monumentos de Bouçoais, e sobretudo à pedra, que se encontra dentro da muralha que circuitava a povoação proto-histórica, temos de informar que a este característico arqueológico anda ligada uma tradição imemorial, cujos motivos se perdem na noite dos tempos.

Como já é facto averiguado, os primeiros cristãos da Península Ibérica costumavam edificar os seus templos em locais onde os pagãos rendiam culto às suas falsas divindades, isto não só para acto de desagravo ao seu verdadeiro Deus, mas também para que os neo-convertidos continuassem com os seus hábitos cultuais ligados aos sítios dos retiros sagrados ou antigos santuários. Além disso, também escolhiam, para titulares dos seus novos templos cristãos, santos ou mistérios da sua religião que tivessem algo de analogia ou semelhança com os ritos ou práticas cultuais do paganismo.

A igreja-matriz de Nossa Senhora da Ribeira de Bouçoais, como já anteriormente notámos, foi edificada pelos primitivos cristãos da Galécia junto de um castro, e tem, como orago ou Patrono, a Virgem Maria, sob a invocação do Mistério da Purificação, solenidade esta que a Igreja Cristã celebra a dois de Fevereiro.

A Purificação era um preceito da lei moisaica, o qual impunha a todas as mulheres israelitas a obrigação de, passados quarenta dias após o parto, comparecerem com o neófito no templo de Jerusalém e oferecerem aos sacerdotes um cordeiro ou aves, segundo as condições económicas das oferentes. A Virgem Maria, como pobre que era, ofereceu duas pombas, cumprindo assim o santo preceito da lei de Moisés.

Entre os gentios também havia actos de culto, que consistiam em holocaustos ou oferendas, como o

atestam vários retiros ou campos sagrados, como o de Panóias (Vila Real), ou mesmo as *pedras-árulas* de Bouçoais de que neste artigo nos temos ocupado. E foi certamente para conservarem esses hábitos culturais do paganismo, que os cristãos ibero-romanos

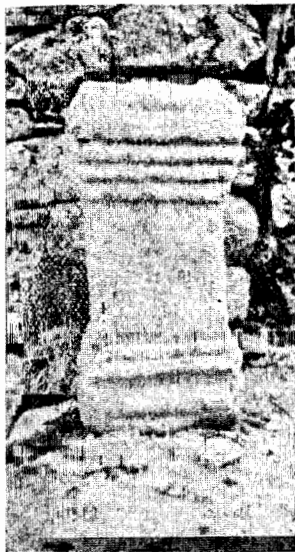


Fig. 3 — Ara votiva,
no adro da Igreja-Matriz de
Bouçoais (N.^a S.^a da Ribeira)

desta região, em tempos já bem remotos, escolheram para Padroeira da sua igreja Nossa Senhora, sob a invocação do augusto Mistério da Purificação.

Ainda hoje aqui se continua a tradição de votos e oferendas, por ocasião da festividade ou solenidade religiosa, que sempre se celebra a dois de Fevereiro do anuário cristão. Neste dia, não só da freguesia de Bouçoais, mas até de toda a redondeza, concorrem à romaria os proprietários e lavradores, afim de cumprirem os votos ou promessas feitas de ali conduzirem o seu *gado*, bois e animais de carga, levando oferendas em trigo, centeio e milho, oblatas que os próprios animais transportam. Esta procissão, que é sempre o primeiro número

do programa da romaria, reveste certa formalidade aparatosa.

Chegados, povo e animais, a certa distância do local da romaria, organiza-se o cortejo em direcção à igreja, seguindo os bois e solípedes aos pares, uns após outros, como que *em forma militar*, marchando seguidamente em passo regular, guiados pelos patrões e criados de lavoura, e acompanhados, em respeito, pela multidão e por uma banda de música. Antes de serem entregues as ofertas aos mor-

domos, que nesse acto representam o Pároco (Abade), os animais e seus condutores dão voltas à roda da igreja-matriz, por um caminho paralelo ao adro, e tantas quantas foram prometidas por ocasião em que se fez o voto ou promessa à Virgem Padroeira.

Esta tradicional procissão já vem desde tempos imemoriais e constitui uma das melhores fontes de receita para a sustentação do culto divino da paróquia.

A par desta tradição de oferendas e cerimonial que as acompanha, não esqueçamos também que a *pedra insculturada*, que se acha dentro da primeira muralha do Castro da Senhora da Ribeira, por velha superstição, é respeitada e guardada com certo interesse colectivo, podendo afirmar-se que as suas alterações, através tantos séculos, têm resultado sòmente da acção do tempo e dos acidentes atmosféricos.

E, a propósito de Bouçoais e suas antiguidades, não deixaremos de notar o que nos referem alguns escritores antigos. Diz-nos o P.^e Luís Cardoso, no seu *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de Cidades, Villas, Aldeias*, etc. (Tomo II, págs. 238-239): — «BOUÇOAIS: Lugar na província de Trás-os-Montes, bispado de Miranda, Comarca e Correição da Vila de Moncorvo; a igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Ribeira, é templo duma só nave, e antiquíssimo, e se diz ser do tempo dos romanos: é abadia do Padroado Real, de que este lugar é cabeça. Está fundada em sítio plano, junto a um cabeço, onde se descobrem alguns vestígios de muralhas, e segundo mostram algumas relíquias, e monumentos, foi uma grande povoação em tempos antigos. Acham-se espalhadas pelos campos algumas pedras com vários sinais e letreiros, e pedaços de argamassas de tijolo enterrados, que com pouca diligência se descobrem, e estão indicando que fora antigamente habitado este sítio. À parte do nascente do adro desta igreja, existe ainda uma torre, que denota grande antiguidade», etc. Em seguida, Cardoso refere-se aos direitos dos Abades de Bouçoais sobre as duas igrejas anexas de S. Lourenço de Vilartão e Santa Catarina das Agueiras, às oito povoações que formavam a paróquia, e aos pingues benesses e réditos da Abadia, seiscentos até sete-

centos mil réis, rendimento paroquial este muito importante para esses bons tempos do nosso rei D. João V.

Tudo quanto este autor nos diz, é confirmado por Oliveira Mascarenhas e outros, que se têm consagrado a estudos de investigações históricas e pré-históricas. Enquanto ao nosso saudoso mestre Abade de Baçal, podemos dizer que este sábio arqueólogo era de opinião que, no termo ou aro desta freguesia de Bouçoais, houvesse existido um santuário ou recinto sagrado, em que se prestasse culto aos antepassados e divindades do paganismo. Que era esta a autorizada opinião do erudito sacerdote, podemos nós comprová-lo, por meio de correspondência trocada e que guardamos e conservamos, com verdadeiro carinho e interesse. E um tal parecer, por parte do ilustre Abade de Baçal, era fundado e lógico, depois que por nós foi informado da existência de tantos monumentos e característicos arqueológicos, espalhados por mais de três quilómetros de acidentados e pedregosos terrenos, dos limites de Bouçoais e sobranceiros às escarpadas margens do Rabaçal. E, para rematarmos finalmente o nosso trabalho, não duvidaremos afirmar que a pedra-monumento da Citânia de Briteiros, tão semelhante às do Castro da Senhora da Ribeira, deve ter sido obra para a mesma prática cultural destas por nós aqui tratadas e estudadas.

Trata-se duma ara ou tábula de oferendas. É esta a nossa humilde opinião, a qual nos parece assás fundamentada, depois do que acabamos de expor à criteriosa e ilustrada consideração dos nossos leitores.